

**DO PECADO NEFANDO AO DIREITO DE
EXISTIR: NOTAS SOBRE A HOMOERÓTICA NO
BRASIL XVII-XX**

**FROM SIN TO THE RIGHT TO EXIST: NOTES
ABOUT A HOMOEROTIC IN BRAZIL XVII-XX**

RHANIELLY PEREIRA DO NASCIMENTO PINTO^{1*}

Resumo: O estudo sobre a homoerótica masculina no Brasil tem se desenvolvido, nos últimos 30 anos, a partir da crescente discussão propiciada pelo pioneirismo dentro da historiografia. Este texto procura delimitar as formas de representação e invenção da homossexualidade no Brasil. Por meio de uma discussão bibliográfica interdisciplinar, o nosso texto procura elaborar reflexões delimitadas por três processos analíticos distintos: o primeiro diz respeito ao mapeamento do pecado nefando e sua associação à sodomia, entre os séculos XVII-XVIII; o segundo analisa a invenção da homossexualidade brasileira por intermédio dos discursos médicos produzidos no século XIX; e o terceiro se detém ao processo inicial de tomada da autorrepresentação da homossexualidade por via das emergências de novas identidades no final do século XX.

Palavras-chave: História das Homossexualidades; Masculinidades subalternas; Identidades Homoeróticas.

Abstract: The study of male homoeroticism in Brazil has developed over the past 30 years, based on the growing discussion of pioneer history, inside women's history, and gender relations. This text seeks to point the forms of representation and invention of homosexuality in Brazil. Through an interdisciplinary bibliographical discussion, our text seeks to present three distinct processes: the first, in the mapping of awful sin, sodomy between the seventeenth and eighteenth centuries; a second that analyzes the invention of Brazilian homosexuality through medical discourses in the nineteenth century; and a third that dwells on the initial process of self-representation of homosexuality through the surfacing of new identities at the end of the twentieth century.

Keywords: History of Homosexuality; Subaltern masculinities; Homoerotics identities.

¹ *Artigo recebido em 30 de abril de 2019 e aprovado para publicação em 29 de julho de 2019.*

* Mestrando em História pela Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Pesquisador do GEPEG/UFG. (E-mail: rhaniellypereira@hotmail.com)

Primeiras Palavras

Os movimentos LGBTI+, nos últimos 20 anos, conquistaram alguns direitos² e se encontram, agora, no centro de uma disputa pelo poder. Nos dias atuais, esses direitos alcançados pela comunidade LGBTI+³ são frequentemente dispostos em discursos violentos, visíveis a partir da coerção social e institucional que os integrantes da comunidade sofrem ao publicizar o seu amor desviante, tendo, assim, seu direito a existência contestado e negado.

Desse modo, retomar a linha histórica⁴ é um processo investigativo e político que nos permite refletir sob os acontecimentos que se desenrolam na atualidade. Para tal empreitada, é necessário, então, reelaborar o presente a partir das ausências de sentido que encontramos a partir de novas perguntas direcionadas ao passado⁵.

Dentre as variadas perguntas, é possível e necessário elaborarmos: como o desejo homoerótico⁶ tem sido percebido na sociedade brasileira? É a partir desta problemática que nos comprometemos a analisar, neste texto, o aspecto fundacional da homossexualidade masculina no Brasil. Para construir nossa análise, distribuimos o texto em três eixos que conduzem a uma reflexão, a qual conecta as distintas partes deste texto e constrói-se como nossa principal tese.

Do pecado nefando à patologia

As relações *homo* são evidenciadas ao longo da história, ainda que não incorporassem em si uma identidade homossexual. A leitura de Michel Foucault sobre as sexualidades torna-se fundamental para compreendermos os processos de

² Referimo-nos aqui à despatologização da homossexualidade, o reconhecimento da união civil e casamento igualitário, a adoção por casais de mesma identidade de gênero, além no avanço político do acesso as políticas públicas de auxílio à transição de gênero, tratamento do HIV e o debate educacional de luta contra lgbtfobia nas escolas.

³ Utilizamos a nomenclatura para abarcar o grupo de dissidentes das normas de gênero e sexualidade impostas em nossa sociedade. São eles: lésbicas, bissexuais, gays, transexuais, travestis, intersexuais, queers. Para um aprofundamento sobre a sigla ver: REIS, Toni. (Org.). Manual de Comunicação LGBTI+. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018.

⁴ Campo que tem sido atacado pelas relativizações do passado e pelos combates propiciados dos usos da História e da efetivação da História Pública.

⁵ RUSEN, Jorn. *Razão Histórica*. Teoria da história: fundamentos da ciência histórica. 1ª Ed. Brasília, 2001.

⁶ Ao longo do texto, utilizamos o termo “homoerótica” como um conceito chave para compreender as relações homo, afetivas ou sexuais, para além do século XIX. Ainda, designamos homossexualidade como forma específica de manifestação da homoerótica a partir do século XIX. Para melhor compreensão dessa lógica conceitual ver vocábulos “homoerotismo” e “homossexualidade” em: COLLING, Ana Maria. TEDESCH, Losandro Antônio. Dicionário crítico de gênero. 2. Ed. Dourados: Ed. UFGD. 2019.

significação do sexo e do gênero. Sobretudo, Foucault possibilitou revisitarmos as significações históricas sobre a homoerótica nas sociedades que, ao longo do tempo, buscaram uma verdade científica sobre as práticas sexuais e as relações sociais que as tangenciam.

Na América portuguesa e posteriormente no Brasil, o processo de significação da homoerótica foi, principalmente, reescrito nos estudos sobre a colonização portuguesa. A investida do historiador Ronaldo Vainfas tornou-se fundamental para compreensão da origem do termo “sodomita”, que tanto foi aplicado na América portuguesa quanto nas outras regiões do Reino nos discursos produzidos pelo Tribunal da Inquisição do Santo Ofício. Em seu trabalho, o autor evidenciou a condição polissêmica da palavra milenar.

Segundo o historiador, dentre suas diversas significações⁷, a que era mais próxima ao cotidiano português esteve inteiramente ligada às proposições de São Tomás de Aquino⁸. Portanto, a sodomia configurava-se o “mesmo que relações homossexuais, entre homens ou mulheres, embora também, ele fosse partidário da morfologia dos atos e considerasse o coito anal entre machos a suprema manifestação da perfeita sodomia”⁹.

No que diz respeito às aplicações jurídicas e punitivas sobre o pecado sodomita, o clássico trabalho de Trevisan¹⁰ recupera a relação entre Estado e Igreja, reiterando o *modus operandi* de sua criminalização. Nesse sentido, afirma-se que:

As Ordenações Manuelinas foram o mais antigo Código Penal aplicado no Brasil pois vigoravam em Portugal à época do descobrimento. Nelas, a sodomia passou a ser equiparada ao crime de lesa-majestade. Além da pena de fogo, foi acrescentado como punição o confisco dos bens e a infâmia sobre os filhos e descendentes do condenado. Mas foram as Ordenações Filipinas que tiveram importância maior, por terem sido aplicadas entre nós durante mais de dois séculos. As Filipinas continuaram vigorando no Brasil Independente adaptadas a Constituição do Império com as necessárias atualizações, em 1823¹¹.

⁷ O estudo histórico sobre as diferentes concepções do que seria a sodomia foi vastamente analisado no trabalho de John Boswell. Ver: BOSWELL, John. *Christianity, social tolerance and homosexuality*. 1ª Ed. Chicago: University Chicago Press, 1981.

⁸ VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. 1ª Ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1989.

⁹ VAINFAS, Ronaldo. *Op. cit.* pp.157.

¹⁰ Reconhecido ativista político do movimento homossexual dos anos 80, jornalista e escritor. Ver: TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

¹¹ TREVISAN, João Silvério. *Op. cit.* p. 161.

Na América portuguesa, a tentativa de controle do sexo já indicava uma espécie de articulação de interdição à sexualidade, questão que, séculos depois, foi fundamental para a solidificação do dispositivo de sexualidade na obra foucaultiana *A vontade de saber*¹². Nesse ensaio, o ciclo de interdição resume-se na negação da publicização do ato, isto é, “Não te aproximes, não toques, não consumas, não tenha prazer, não fales, não apareças; em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo”¹³. Foi a partir dessa repetição que se instauram as instituições de controle que, no Brasil, funcionaram entre o século XVII e meados do primeiro quartel do século XIX.

Nesse período, as jurisprudências canônica e secular configuraram uma dupla tentativa¹⁴ de controle, que resultou em 4.419 denúncias de rapazes acusados de práticas homoeróticas¹⁵. É claro que, nem todos os casos denunciados estão estritamente relacionados ao Brasil, mas sim aos domínios de Portugal sob o controle do Santo Ofício. É necessário ressaltar que, do número total de denúncias, 10% tiveram seus inquéritos e processos iniciados¹⁶.

Apesar da existência de muitos “personagens marcantes, às vezes excêntricos, a colorir o dia a dia da sociedade e, ao mesmo tempo estimular a ira da multidão”¹⁷, não houve a formação de guetos específicos, diferentemente de outros locais do Reino português. Tanto Mott como Vainfas destacam que, nesses processos, havia uma espécie de extrato social e racial evidenciado: “os brancos, perfazendo 46% do total, predominavam sobre negros (25%), índios (14%) e mestiços, mulatos ou mamelucos (14%)”¹⁸. Essa divisão percentual é analisada por Mott¹⁹ e a sua conclusão já nos é inferida pelo descaso racial construído historicamente. Ou seja, esses dados não significam que as relações de sodomia não foram experimentadas por negros ou indígenas, mas sim que a visibilidade das relações entre homens livres e brancos despertava um maior interesse público pela população colonial.

¹² FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

¹³ Ibid. p.57.

¹⁴ Além das Ordenações, a jurisdição eclesiástica com o exercício do Tribunal do Santo Ofício no Brasil. Ver: VAINFAS, Ronaldo. Op.cit.; MOTT, Luiz. *Bahia e Inquisição & sociedade*. 1ª Ed. Salvador: EUFBA, 2010.

¹⁵ MOTT, Luiz. Os filhos da dissidência: o pecado de sodomia e sua nefanda matéria. *Tempo*, Rio de Janeiro, n.10, pp.192, 2001.

¹⁶ MOTT, Luiz. Op. cit. 2001.

¹⁷ VAINFAS, Ronaldo. Op. cit. p.179.

¹⁸ VAINFAS, Ronaldo. Op. cit. pp.172.

¹⁹ MOTT, Luiz. Relações raciais entre homossexuais no Brasil Colônia. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.5, n.10, p.99-122, mar/ago. 1985.

Trabalhos mais recentes²⁰ têm colaborado para ultrapassarmos as temáticas da perseguição e da violência, centrando o debate nos processos de desenvolvimento e de mediação das próprias normas de gênero e de sexualidade, além de evidenciar o processo de autoidentificação dos sodomitas em relação às suas respectivas masculinidades.

Os movimentos teóricos propostos por Junior e Rocha nos possibilitam repensar as lógicas formativas das masculinidades do período moderno e repensar como a lógica das práticas sodomitas se inscreve nesse contexto histórico. Esses trabalhos podem ser ainda repensados se levarmos em consideração o aspecto da *colonização das sexualidades indígenas*, como propõe Estevão Fernandes²¹.

Ao repensar o cotidiano de diversos sujeitos, esses três autores nos permitem efetuar uma ponte analítica que é assinalada, especificamente, no trabalho de Fernandes: uma “malha de relações de exploração/dominação/conflito articuladas”²², na qual o gênero e o sexo compõem o lado oculto do projeto moderno²³. Essa questão, que se desenvolveu entre os séculos XVI e XVIII, foi reelaborada e complexificada a partir do desenvolvimento de uma *scientia sexualis* no Brasil do século XIX.

As análises sobre o século XIX²⁴, dentro da historiografia²⁵, ainda parecem estar dando pequenos passos. Em contrapartida, não é mais possível manter a afirmação de que para esse período há pouca “documentação suficientemente detalhada que possa recuperar as experiências das mulheres e dos homens que desafiaram as normas sociais

²⁰ Ver: JÚNIOR, Mário Martins Viana. Masculinidades compósitas nas capitânicas do Norte da América portuguesa (séculos XVI e XVII). 2013. Tese (Doutorado em História) – Centro de Ciências Humanas e Filosóficas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis; ROCHA, Cássio B. A. Sodomitas no mundo ibérico quinhentista: afirmação e subversão dos padrões identitários da masculinidade. *Bagoas*, v. 10, p. 13-40, 2016; ROCHA, Cássio B.A. Masculinidades e o tribunal do Santo Ofício da Inquisição: a ação das visitas do Santo Ofício às capitânicas do Norte da América portuguesa na defesa da Ordem Patriarcal – séculos XVI e XVII. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

²¹ FERNANDES, Estevão. *Decolonizando sexualidades: enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e no Estados Unidos*. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Pesquisa e Pós-graduação sobre Américas – Universidade de Brasília, Brasília. Ver também: FERNANDES, Estevão. Homossexualidade indígena no Brasil: um roteiro histórico-bibliográfico. *Aceno*, v.3, n.5, p.14-38, 2016.

²² QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009. p.73-118.

²³ Aqui estamos levando em consideração que o movimento de colonização da América relacionou-se profundamente com a tentativa de homogeneização dos modos de pensar, existir e produzir a vida. Ver: QUIJANO, Anibal. Op. cit. p.76.

²⁴ Para compreender o quadro geral da homossexualidade masculina durante o século XIX bem como a relação entre o discurso médico e literário ver: MOREIRA, Adailson. A homossexualidade no Brasil do século XIX. *Bagoas*, Natal, n.07, p.253-279, 2012.

²⁵ Para interpretar a forma na qual a historiografia tem se desenvolvido frente a temática ver: VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. *Tempo e Argumento*, v. 6, p. 90-109, 2015.

e sexuais naquela época”²⁶. A abordagem interdisciplinar tem nos fornecido bases possíveis para análise sobre o período em que o higienismo tornou-se instrumento fundamental para a regulação dos corpos.

A pesquisa de Luiz Queiroz²⁷ trouxe à evidência os textos de Aluísio de Azevedo e Joaquim Manoel de Macedo com o objetivo de compreender como as figuras homossexuais foram representadas e como sua representação baseia-se principalmente nas narrativas médicas. Já nas ciências sociais, Richard Miskolci²⁸, utilizando-se da Teoria Queer²⁹, tem elencado o processo de construção dos problemas de gênero destacando o desenvolvimento das masculinidades no século XIX, bem como analisando a sua relação com a produção das sexualidades por meio da regulamentação do discurso higienista hegemônico naquele período.

Em estudos mais recentes, Green e Polito³⁰ divulgaram uma série de documentos históricos disponíveis para análise historiográfica. Em uma espécie de roteiro de fontes possíveis, os historiadores destacam, ainda sob o período do Brasil Império, os trabalhos dos médicos Francisco Ferraz Macedo e Pires Almeida. Nesse sentido, é importante notar que Macedo constrói uma análise sobre a prostituição no Rio de Janeiro e, a partir disso, trata a homossexualidade como uma espécie de inversão sexual.

A partir do hibridismo discursivo médico e higiênico, o “Estado se imiscuiu no interior das famílias. Com o trânsito nesse espaço, outrora impenetrável à ciência, o médico-higienista acabou imponto sua autoridade em vários níveis”³¹. Foi por meio do poder estatal, nunca experimentado antes, que duas teorias, a dos fluidos e a do acúmulo das ações reflexas, fundamentaram-se e inspiraram os trabalhos dos médicos acima destacados³².

²⁶ GREEN, James. Homossexualidades e a história: recuperando e entendendo o passado. *Gênero*, Niterói, v.12, n.2, p.65-76, 1. sem. 2012.

²⁷ Ver: QUEIROZ, Luiz Gonzaga Morando. *A representação do homossexual nos discursos médico e literário no final do século XIX (1870-1900)*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

²⁸ O trabalho de Miskolci tem recuperado a literatura de Machado de Assis trazendo em discussão as relações sociais entre homens, a produção das masculinidades e o processo de classificação do bom e do mal sexo no século XIX. Ver: MISKOLCI, Richard. *O desejo da nação. Masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. SP: Annablume, 2012. MISKOLCI, Richard. *O vértice do triângulo: Dom Casmurro e as relações de gênero e sexualidade no fin-de-siècle brasileiro*. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 547-567, Aug. 2009.

²⁹ Para compreender as implicações e os conceitos da Teoria Queer nas ciências sociais ver: MISKOLCI, Richard. *A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização*. Sociologias. Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, ja./jun. 2009.

³⁰ GREEN, James; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

³¹ TREVISAN, João Silvério. Op. cit. p.168.

³² QUEIROZ, Luiz Gonzaga Morando. Op. cit.

A fim de elaborar as ideias vinculadas pela teoria dos fluidos, principal tese mobilizada pelos discursos médicos produzidos no século XIX, recorreremos à análise de Queiroz:

A teoria dos fluidos existe desde Galeno, mas foi devidamente desenvolvida durante o século XVIII, repercutindo ainda pelo século XIX. Aquela teoria defende o princípio de que o corpo humano produz fluidos - sejam vapores (gases, arrotos), sejam líquidos (suor, leite materno, esperma, saliva) - que, de alguma forma, deveriam ser eliminados para conservar a boa saúde física e mental do indivíduo. Acreditava-se que a permanência contínua dos fluidos no organismo era nociva, ocasionando “perturbações físicas, histeria nas mulheres e fraqueza nos homens”. Tanto a retenção dos fluidos quanto sua dissipação excessiva eram criticadas: o indivíduo deveria buscar a moderação. Ultrapassado certo limite nessa dissipação, o movimento das fibras nervosas e musculares escaparia ao controle do indivíduo, tornando-as gastas e jogando o sujeito no vício e na devassidão³³.

Ao utilizarem tal justificativa, os médicos do século XIX³⁴ e XX delimitaram gradativamente um conjunto de fatores relacionados às sociabilidades e aos padrões daquilo que encaravam como “homossexualismo”. Tendo em vista o processo de identificação do sujeito homossexual como um espécime³⁵ à parte, podemos compreender como os historiadores Green e Polito mencionam a localização espacial das regiões em que esses agentes circulavam, bem como seus lugares socialmente atribuídos.

De forma geral, o que podemos concluir, a partir da leitura dos trabalhos médicos desenvolvidos no século XIX, é que ocorreu uma profunda mudança, a nível discursivo e social, na concepção sobre os sujeitos que poderiam ser denominados de *invertidos*, *uranistas* ou *homossexuais*. Os trabalhos de Almeida³⁶ e Macedo³⁷, além de encarar a homossexualidade como uma doença, traçam possíveis causas para os comportamentos homoafetivos, bem como tentam delimitar quem seriam os homossexuais por meio da identificação da ausência e da presença desses agentes em diversas classes sociais.

³³ QUEIROZ, Luiz Gonzaga Morando. Op. cit. p.35.

³⁴ Para aprofundar a leitura sobre o século XIX ver: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder; HERSCHMANN, Micael M. (orgs.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

³⁵ FOUCAULT, Michel. Op. cit.

³⁶ ALMEIDA, José. *Homossexualismo. A libertinagem no Rio de Janeiro: estudo sobre as perversões e inversões do instinto genital*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Laemmert, 1906.

³⁷ MACEDO, Francisco. *Da prostituição em geral e em particular me relação à cidade do Rio de Janeiro: profilaxia da sífilis*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1872.

Esse mapeamento exaustivo continuou ainda na primeira metade do século XX, quando a psiquiatria ganhou destaque. Segundo Trevisan, “a partir da década de 1920, periodicamente reiteradas por autoridades médico-policiais, preocupadas com a defesa da ‘sociedade sadia’”³⁸, desenvolveram-se, de fato, práticas higienistas contra os homossexuais. Exemplificando tal investida, Trevisan resgata o trabalho do médico Fernandes Nunes e analisa:

Inconformados, muitos médicos legistas da década de 1920 discutiam a aplicação de métodos mais drásticos: simplesmente conservar os pervertidos em liberdade “seria ainda mais clamoroso”. Interná-los em penitenciárias? Não, pois impedirá que os médicos os tratassem. Afinal, “criminosos desta espécie [...] além e antes de criminosos, são doentes, psicopatas e que, portanto, ao tempo em que seus crimes reclamavam castigo, reclamam suas pessoas tratamento e piedade “– ponderava o dr. Fernandes Nunes. Metê-los em hospitais psiquiátricos? Também não, já que haveria risco de transplantarem seus vícios para os demais enfermos. Daí por que o mesmo dr. Fernandes propunha ainda na década de 1920, a criação de um estabelecimento próprio para a reclusão de homossexuais, “garantindo a sociedade a segurança do seu afastamento e devolvendo ao criminoso a assistência médica que carece”.³⁹.

É preciso repensar o papel higienista⁴⁰ no decorrer das décadas de 1920 e de 1930. Conforme analisa Green, esses anos “transformaram-se num campo de testes sobre qual meio de purificar a nação brasileira e curar seus distúrbios sociais”⁴¹. Deste modo, podemos considerar que, ainda que não totalmente regularizadas, as internações e o confinamento psiquiátrico tornaram-se parte das experiências possíveis aos homossexuais nessas décadas e, ainda, nos anos posteriores.

Alguns desses casos são explorados nas pesquisas de Green, que, com foco no Rio de Janeiro, narra as experiências de homossexuais masculinos. Dentre as inúmeras tentativas de controle dos corpos indisciplinados, “a terapia de insulina e eletrochoque era usada em pacientes homossexuais até mesmo quando não havia sinal de comportamento esquizofrênico, e a intenção parecia antes ser disciplinar do que curar”⁴².

³⁸ TREVISAN, João Silvério. Op. cit. p.180.

³⁹ Ibid. Op. cit. p.183

⁴⁰ Para compreender os efeitos históricos do discurso médico na mediação entre os sujeitos que assumem sua sexualidade ver: SAGGESE, Gustavo Santa Roza. Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no coming out de homens homossexuais. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2009.

⁴¹ GREEN, James. *Além do Carnaval: a homossexualidade no Brasil do século XX*. 1ª Ed. São Paulo: Editora UNESP. 2000. p.193.

⁴² GREEN, James. Op.cit. 2000, p.232.

Entre os anos 1940 e 1950, é possível assistir à formação lenta de guetos homossexuais nas grandes cidades, como elucida o brasileiro Green. É nesse momento histórico que surgem novos personagens, novas experiências e novas identidades homossexuais. Entretanto, o discurso sobre a homossexualidade só passa por uma efetiva modificação a partir dos anos 60 do último século, quando o gueto parece ter se solidificado e as sociabilidades se tornaram mais facilitadas.

De lamparinas acesas: o “homossexualismo” torna-se homossexualidade

Para evidenciar a mudança de discurso sobre a homossexualidade, utilizaremos como fonte o *Lampião da Esquina*, jornal alternativo fundado em 1978, no Rio de Janeiro, por homossexuais que buscaram reelaborar a representação do homossexual na sociedade⁴³. O *Lampião da Esquina* surgiu de um período em que a ditadura civil-militar brasileira demonstrava incongruências e fragilidades perante diversos setores sociais.

Apesar de *Lampião* ter ganhado destaque, existiram outros jornais que, a partir de outras perspectivas, nas décadas anteriores, fizeram circular discussões produzidas sobre e no gueto gay brasileiro. Nesse sentido, Jorge Caê Rodrigues destaca, em seu trabalho sobre o *Lampião da Esquina*, a existência de inúmeros periódicos na década anterior, 1960:

No Rio, tínhamos, de restritíssima circulação, as publicações Snob, Le Femme, Subúrbio à Noite, Gente Gay, Aliança de Ativistas Homossexuais, Eros, La Saison, O Centauro, O Vic, O Grupo, Darling, Gay Press Magazin, 20 de Abril e O Centro; em Niterói existiam Os Felinos, Opinião, O Mito; em Campos havia o Le Sophistique; na Bahia contava com O Gay e o Gay Society, O Tiraninho, Fatos e fofocas, Baby Zéfiro, Little Darling e Ello. (RODRIGUES, 2015, p.89)⁴⁴

O desenvolvimento de uma “mídia gay alternativa”, fora do alcance da maior parte dos consumidores de periódicos, pode servir-nos, do ponto de vista analítico, para repensar as experiências dos homens homossexuais em décadas anteriores. Seja nos trabalhos de Green ou de Trevisan, o surgimento dessa imprensa gay, ainda que com

⁴³ Sobre a movimentação política dos homossexuais no período ver: MacRAE, Edward. A construção da igualdade – identidade sexual e política no Brasil da “abertura”. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

⁴⁴ RODRIGUES, Jorge Caê. Um Lampião iluminando esquinas escuras da ditadura. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan. Ditadura e homossexualidades: repressão, resistências e a busca da verdade. 1ª Ed. São Carlos: EdUFSCAR, 2014, p.89.

pequeno alcance, tornou-se um vestígio histórico da expansão de espaços de sociabilidade que poderiam ser ocupados por homossexuais.

É por meio de tais periódicos, da análise sobre a sua construção e o seu desenvolvimento que se tornou possível refletir sobre como esses espaços e guetos se constituíam. O surgimento desses jornais e boletins pressupõe a existência de grupos que, ainda pequenos, compartilhavam experiências, trajetórias e inúmeras adversidades. Nesse sentido, lembramo-nos da pergunta: a utilização das fontes orais⁴⁵ seria uma alternativa viável para recuperarmos tais experiências e memórias? O debate que essa questão levanta ainda está em aberto e o campo em construção.

Voltando ao *Lampião da Esquina*, é possível compreender que, no início da década de 1960, novas identidades homossexuais surgiram e, nas décadas seguintes, intercambiaram-se e transformaram-se. O ponto fundamental a ser percebido aqui é: nesse período, o debate sobre a homossexualidade permanece fundamentado na representação do homossexual como um sujeito obscuro, doente e socialmente segregado.

Os anos 70 e 80 foram fundamentais para a desconstrução e remodelação das representações desse sujeito. Em abril de 1978, as páginas do *Lampião da Esquina* foram lançadas num movimento de “estouro da bolha”⁴⁶ do chamado gueto homossexual. Com inúmeros intelectuais e jornalistas e seguindo a tendência do *gay power*, o jornal, que funcionou até 1981, lançou uma nova proposta e um novo olhar sobre a homossexualidade.

A tentativa de romper o gueto vinha tanto das influências do movimento homossexual de primeira onda, iniciado nos Estados Unidos, em 1969, quanto das lutas hierárquicas entre as identidades homossexuais já emergentes na década de 50. Entre essas identidades é possível retomar a do binômio *bofe/bicha* e o surgimento do *entendido*:

Os antropólogos que escreveram sobre a homossexualidade no Brasil notaram o surgimento em 1960 de uma nova identidade gay de classe média. Uma das indicações desse desenvolvimento, segundo esses autores, era a

⁴⁵Ver: SILVA, Claudio Roberto da. *Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil Contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1998.; POCAHY, Fernando Altair. *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Do Rio Grande do Sul.

⁴⁶ Ver: PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento. *Estourando a bolha: o cotidiano LGBT entre identidades, violências e resistências no jornal o Lampião da Esquina 1978-1981*. Monografia (Licenciatura em História) – Curso de História, Universidade Federal de Goiás, Catalão. 2018.

popularização do termo “entendido”. A palavra estivera circulando já havia algum tempo para descrever um certo tipo de gay⁴⁷.

Essa nova identidade é também enxergada como polissêmica, uma vez que o conceito *entendido* passa por mudanças de sentido desde o momento em que surge até o momento em que se aproxima da ideia de uma homossexualidade politizada. Assim como Green⁴⁸, Dora Guimarães⁴⁹, Peter Fry e MacRae⁵⁰ e Trevisan⁵¹, compreendemos que o surgimento do termo serviu para desvincular alguns indivíduos de uma imagem historicamente delimitada sobre a figura do homossexual.

A forma como entendemos hoje a performance⁵² de sexualidade pode nos auxiliar como chave de análise, uma vez que este novo sujeito recusa a:

[...]imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanos e que sempre esbarra em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital; seu sexo não é aquele que desejaria ter”⁵³.

A figura do *entendido* é a da possibilidade de um homossexual ser passível de assimilação social. Em nosso entendimento, a proposta editorial do *Lampião da Esquina* incorpora essa identidade em seus 37 números e a defende na esperança de eliminação dos estigmas historicamente construídos sobre os homossexuais. Compreendemos o termo *entendido* como um instrumento mobilizado para a construção de uma identidade homossexual que se forja por meio da negação de antigos estigmas. Neste sentido, as temáticas debatidas no *Lampião* nos auxiliam a compreender o processo de autoafirmação dessa identidade.

O jornal serviu-se de seções como: “Opinião (o equivalente ao editorial); Ensaio; Esquina (seção com artigos e notas variadas); Reportagem; Literatura; Tendência (seção

⁴⁷ GREEN, James. Além do Carnaval: a homossexualidade do Brasil do século XX. 1ª Ed. São Paulo: Editora: UNESP, 2000, p.308.

⁴⁸ GREEN, James. *Op. cit.*

⁴⁹ GUIMARÃES, Carmen Dora. O homossexual visto por entendidos. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Garamond Editora, 2004.

⁵⁰ FRY, Peter; MACRAE, Edward. O que é homossexualidade. 1ªEd. São Paulo: Brasiliense, 1985.

⁵¹ TREVISAN, João Silvério. *Op. cit.*

⁵² Ver. BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 1ªEd. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁵³ EDITORIAL. Saindo do Gueto. *Lampião da Esquina*, n.0, p.2, 1978.

cultural que se divide em Livro, Exposição, Peça, etc.); e Cartas na mesa.”⁵⁴. De um modo geral, tais seções indicam certa elitização da proposta editorial lampiônica. Entretanto, salvo a diferenciação de classes no editorial e, em grande medida, no uso do termo *entendido*, Green nos alerta:

A diferenciação de classe entre os homens que circulavam no mundo dos bichas, bofes, tias e entendidos não era um fator automaticamente determinante na formação da identidade sexual dos indivíduos, mas no entanto teria impacto nos modos pelos quais as pessoas se apresentavam e como se conduziam entre sua subcultura e a sociedade mais ampla⁵⁵.

Apesar de desenharmos uma espécie de identidade geral da homossexualidade na década de 80, é preciso deixar em evidência que os homossexuais não construíram um grupo que se articulava e organizava de modo a agrupar todas as demandas da comunidade. A identidade do *entendido* nos é um contributo na medida em que é, em grande parte, uma representação da homossexualidade cunhada a partir do sujeito em si e não sobre o outro. Aos poucos, essa identidade tornou-se um rearranjo de elementos que ultrapassaram o gueto gay⁵⁶, sem eliminar completamente as outras possibilidades de representação.

Esse “novo homossexual” surgia como um sujeito humano. Agora, o processo de autorrepresentação, inaugurado pela política das movimentações homossexuais, trazia no discurso um agente humanizado frente a outras representações que os animalizava. Perante a essas questões, o leitor do *Lampião* poderia ler e discutir sobre anistia, movimento feminista, a pauta ecológica e os problemas políticos de um país mergulhado no autoritarismo, mas também poderia ler sobre música, cinema, artes e elementos diversos que compunham a vida cotidiana. Assim, o *Lampião* contribuiu para que os *entendidos* pudessem reclamar seu status de humanidade; assim como os *entendidos* contribuíram para o desenvolvimento e circulação do jornal.

⁵⁴ MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. *Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981)*. Dissertação (Mestrado em História) – Pós-graduação História e Cultura, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

⁵⁵ GREEN, James. Op. cit. p.309. 2000.

⁵⁶ Se opondo a visão tradicional, revolucionária, da esquerda brasileira da época. O movimento homossexual de primeira onda no Brasil, ou movimentos, estabeleceu-se através da tentativa de assimilação social da homossexualidade. Desta forma, não raro era o discurso de estoura da bolha homossexual ou a fuga do gueto. Ver: PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento. *O Primeiro Encontro de Homossexuais no Brasil (1979): uma análise sobre as bandeiras da primeira onda do movimento LGBT*. In: PEDRO, Joana Maria; Zandoná, Jair. *Anais das III jornadas do LEGH: feminismo e democracia*. 1ªEd. Florianópolis: LEGH. 2018.

O surgimento do discurso político dos movimentos homossexuais no Brasil da década de 1980 aponta para a aproximação entre esses movimentos e a identidade dos *entendidos*, uma vez em que essa se desvincula dos elementos que eram manipulados anteriormente para classificar os homossexuais. Se voltarmos os nossos olhos aos escritos de Almeida e Macedo, produzidos no século XIX, veremos que, além de uma aproximação profunda com a prostituição – daí a popularização dos locais de socialização homo como *guetos* –, o sujeito dotado de “homossexualismo” se aproximava do homem afeminado, aquele que recusa para si os elementos atribuídos às masculinidades tracejadas e reorganizados ao longo do tempo.

Os recentes trabalhos que discutem a representação da homossexualidade no Brasil têm delimitado as categorias políticas que os homossexuais mobilizavam para se autodenominar e construir identidades. Do ponto de vista da investigação historiográfica, o *Lampião da Esquina* surge como uma fonte de informação que pode nos auxiliar a compreender como os agentes, que se aproximavam dos estigmas ou dos modelos de homossexualidade vinculados já no século XIX, dialogavam com os sujeitos que adotaram um discurso político que construía uma identidade associada à homossexualidade afastada dos elementos formadores de outras identidades gays.

Considerações finais

Recuperar as notas sobre a homoerótica no Brasil torna-se necessário, então, para compreender a circularidade das identidades homossexuais atuais. Seguem ainda muitas perguntas em aberto: no Brasil, existia alguma hierarquização, no sentido das relações de poder desenvolvidas dentro do gueto, que dispunha e diferenciava os homossexuais na década de 1980? Se sim, como estas relações de hierarquização se desenvolveram? Entre os homossexuais, estas hierarquias compartilham alguma semelhança com as atuais identidades autoidentificadas?

Em última instância, compreender os processos de busca por hegemonia entre *entendidos*, bofes, bichas e tias pode nos permitir interpretar como os avanços do movimento homossexual e, posteriormente, LGBTI+ dependeram historicamente da reelaboração constante dessas identidades e dos impactos produzidos a partir da tentativa de construção de elementos formadores e performáticos associados a essas identidades. O jogo entre as masculinidades e feminilidades reincidiu no complexo processo histórico, que envolve as representações de gênero e sexualidade e que vai da

construção moral do pecado nefando até a sistemática luta política que clama pelo direito de existir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigos em Anais

PINTO, Rhanielly P.N. O Primeiro Encontro de Homossexuais no Brasil (1979): uma análise sobre as bandeiras da primeira onda do movimento LGBT. In: PEDRO, Joana Maria; Zandoná, Jair. *Anais da III jornadas do LEGH: feminismo e democracia*. 1ªEd. Florianópolis: LEGH. 2018.

Artigos em Periódicos

FERNANDES, Estevão. Homossexualidade indígena no Brasil: um roteiro histórico-bibliográfico. *Aceno*, v.3, n.5, p.14-38, 2016.

GREN, James. Homossexualidades e a história: recuperando e entendendo o passado. *Gênero*, Niterói, v.12, n.2, p.65-76, 1. sem. 2012.

MISKOLCI, Richard. O vértice do triângulo: Dom Casmurro e as relações de gênero e sexualidade no fin-de-siècle brasileiro. *Rev. Estudos Feministas.*, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 547-567, Aug. 2009.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, ja./jun. 2009.

MOTT, Luiz. Os filhos da dissidência: o pecado de sodomia e sua nefanda matéria. *Tempo*, Rio de Janeiro, n.10, pp.192, 2001.

MOTT, Luiz. Relações raciais entre homossexuais no Brasil Colônia. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.5, n.10, pp.99-122, mar/ago. 1985.

ROCHA, Cássio B. A. Sodomitas no mundo ibérico quinhentista: afirmação e subversão dos padrões identitários da masculinidade. *Bagoas*, v. 10, p. 13-40, 2016.

Capítulos de Livro

RODRIGUES, Jorge Caê. Um Lampião iluminando esquinas escuras da ditadura. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan. *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistências e a busca da verdade*. 1ª Ed. São Carlos: EdUFSCAR, 2014, p.89.

Dissertações

MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

QUEIROZ, Luiz Gonzaga Morando. A representação do homossexual nos discursos médico e literário no final do século XIX (1870-1900). Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ROCHA, Cássio B.A. Masculinidades e o tribunal do Santo Ofício da Inquisição: a ação das visitas do Santo Ofício às capitânicas do Norte da América portuguesa na defesa da Ordem Patriarcal – séculos XVI e XVII. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SILVA, Claudio Roberto da. Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil Contemporâneo. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1998

Livros

ALMEIDA, José. Homossexualismo. *A libertinagem no Rio de Janeiro: estudo sobre as perversões e inversões do instinto genital*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Laemmert, 1906.

BOSWELL, John. *Christianity, social tolerance and homosexuality*. 1ªEd. Chicago: University Chicago Press, 1981

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 1ªEd. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

COLLING, Ana Maria. TEDESCH, Losandro Antônio. *Dicionário crítico de gênero*. 2. Ed. Dourados: Ed. UFGD. 2019.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. 1ªEd. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. 1ªEd. São Paulo: Brasiliense. 1985.

GREEN, James. *Além do Carnaval: a homossexualidade no Brasil do século XX*. 1ª Ed. São Paulo: Editora UNESP. 2000. p.193.

GREEN, James; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. 1ª Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Garamond Editora. 2004.

MACEDO, Francisco. Da prostituição em geral e em particular me relação à cidade do Rio de Janeiro: profilaxia da sífilis. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1872.

MACRAE, Edward. A construção da igualdade – identidade sexual e política no Brasil da “abertura”. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

História e Cultura, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

MISKOLCI, Richard. *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. SP: Annablume, 2012.

MOTT, Luiz. *Bahia e Inquisição & sociedade*. 1ª Ed. Salvador: EUFBA, 2010.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder; HERSCHMANN, Micael M. (orgs.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994,

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009. p.73-118.

RUBIN, Gayle. *Políticas do Sexo*. 1ª Ed. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SAEZ, Javier; SEJO, Carrascosa. *Pelo cu*. Políticas anais. 1ª Ed. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. 1ª Ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1989.

Monografia

PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento. *Estourando a bolha: o cotidiano LGBT entre identidades, violências e resistências no jornal o Lampião da Esquina 1978-1981*. Monografia (Licenciatura em História) – Curso de História, Universidade Federal de Goiás, Catalão. 2018.

Teses

FERNANDES, Estevão. Decolonizando sexualidades: enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e no Estados Unidos. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Pesquisa e Pós-graduação sobre Américas – Universidade de Brasília, Brasília.

JÚNIOR, Mário Martins Viana. Masculinidades compostas nas capitânicas do Norte da América portuguesa (séculos XVI e XVII). 2013. Tese (Doutorado em História) – Centro de Ciências Humanas e Filosóficas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

POCAHY, Fernando Altair. Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SAGGESE, Gustavo Santa Roza. Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no coming out de homens homossexuais. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2009.